

# “O Corpo Dela é Uma Ocupação”: artivismos e mulheridades<sup>1</sup>

Luciana Maria Ribeiro de Oliveira (UFPB/Brasil)<sup>2</sup>

## Palavras-chave

Artivismos. Mulheridades. Músicas Feministas.

## Introdução

Eu tenho uma amiga Dj. Até aí, nada de novo, além do meu privilégio de circular pelas festas virtuais que se multiplicaram rapidamente desde que começou o isolamento social deflagrado pela pandemia da Covid19 em março de 2020. Ela é uma Dj feminista. Fato que, por si só, faz uma diferença enorme nas escolhas musicais que ela faz e também na composição dos seus *setlists*. E foi com ela e com tantas outras amigas artistas cantoras, compositoras e *performers* que eu pude perceber mais atentamente tanto as letras, como também, as melodias e batidas presentes em algumas das músicas que escutava.

Nas festas virtuais que fui, me diverti, mas também, procurei estar atenta ao que escutava e de como as mulheres presentes se comportavam quando as melodias, consideradas por mim como feministas, eram tocadas. De início, não havia nenhuma intenção consciente ou objetiva no meu olhar e no meu ouvir, além do fato de já estar um tanto treinada pelo *metier* antropológico de minha profissão. Havia apenas um interesse despretenhoso em escutar as músicas e observar o que dali emergia em meio aos sons, imagens e pessoas (na maioria desconhecidas) que surgiam nas janelinhas do Zoom, plataforma mais usada nas festas virtuais diante de sua maior aplicabilidade no uso de imagem e som.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022. GT2: Antropoéticas: outras (etno)grafias.

<sup>2</sup> Professora e Pesquisadora no Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Aplicadas e Educação (Campus IV) da Universidade Federal da Paraíba e também professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da mesma Universidade. Coordena o projeto de extensão Cine Trava (@cine\_trava); e, atualmente, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas (@guetu.ufpb). Contato pelo e-mail (lulucariibeiro@gmail.com) ou Instagram (@lulucariibeiro). Para encontrar meu perfil no Spotify (Luciana Ribeiro).

Ao mesmo tempo que frequentava essas festas durante a pandemia, comecei também a consumir mais literatura feminista. Sentia a necessidade de escutar as músicas com outras mulheres, conversar sobre as letras, sobre as batidas e melodias, escutar suas opiniões, sensações e emoções.

Montei então meu próprio *setlist* feminista no Spotify e dei o nome de “Corpas Dissidentes”. Aos poucos, fui conhecendo e reconhecendo uma série de artistas que tratavam de formas diferentes o debate feminista e transfeminista contemporâneo, com destaque para o contexto de “corpas”<sup>3</sup>, identidades e sexualidades dissidentes. Algumas artistas adicionadas nesse meu *setlist* são declaradamente feministas, outras produzem uma arte que acaba por dialogar com pautas feministas e com suas interseccionalidades, sem necessariamente se afirmarem como tal em sua produção.

Escutei muita música e compartilhei mais um tanto nas redes sociais. Fiz isso tantas vezes que a minha amiga Dj, a “Dj Laine D`Olinda” (@djlainedolinda), me convidou para um bate papo sobre música e feminismo na Rádio Cafuné<sup>4</sup> (@radiocafune), em um programa que as mulheres da rádio estavam começando a construir: a “Cafunelas”. Minha participação incluía conversar sobre música e feminismo e, entre um bate papo e outro, tocar algumas músicas da minha *setlist*.

Dessa forma, este texto tem a intenção não só de contar como foi esse bate papo feminista musical na Cafunelas, mas também, de narrar como surgiu meu interesse sobre músicas, feminismos, mulheridades e corpas dissidentes a partir de algumas das melodias produzidas nos últimos dez anos (de 2012 até 2022) por mulheres e/ou outras pessoas da comunidade LGBTQIA+ que, de alguma forma me chamaram atenção por abordarem tais questões. Claro que não seria possível incluir, num único texto, toda a produção dessa época a esse respeito. Assim, este texto tem um recorte pessoal, destacando o que encontrei de mais expressivo em minhas buscas como consumidora a partir de minhas pesquisas nos *apps*: Spotify, Youtube e Instagram. Um recorte que se dá também a partir

---

<sup>3</sup> A escolha de escrever, na maior parte do tempo, “corpas” (no feminino) no lugar de “corpo” (no masculino), trata-se de um posicionamento pessoal crítico que tenho adotado na minha escrita quando estou a tratar sobre questões de identidade, gênero e sexualidade dissidentes. E que aprendi na prática do trabalho de extensão que desenvolvo com as meninas trans e travestis extensionistas do projeto Cine Trava na UFPB.

<sup>4</sup> A Rádio Cafuné é uma rádio *online*. Trata-se de um coletivo que se juntou pra fazer a rádio funcionar 24h com programações diversas, desde músicas, apresentação de documentários, debates sobre temas diversos com convidadas. A rádio não tem financiamento, ela é toda colaborativa. Acontece pelo zoom com *link* direto (<http://bit.ly/fazcafune>). Para acompanhar a programação ou agendar uma hora na rádio como Dj, basta ir em: [www.radiocafune.com.br](http://www.radiocafune.com.br)

de quem eu sou, das minhas vivências e experimentações como mulher *cis*<sup>5</sup> e mãe solo de um adolescente *trans*<sup>6</sup>.

### **Nas Ondas dos Feminismos e das mulheridades**

Conta-se, em qualquer esquina virtual do *google* ou ainda nas mais diversas plataformas de revistas científicas espalhadas pela rede, que o feminismo já passou por três ondas – estaríamos, agora, supostamente, na quarta onda. Porém, a divisão do movimento feminista em ondas, por mais que contribua para construir marcos temporais históricos importantes, recebe muitas críticas, pois, essa divisão sugere que as ondas seriam eventos com início, meio e fim que alcançariam sua meta e que, depois, se dissipariam e, em outro momento, progressivamente, surgiria uma nova onda com outras pautas. Dessa forma, a ideia de pensar o feminismo por ondas pode levar a um entendimento equivocado de que as ondas anteriores foram superadas a partir da conquista de suas pautas, havendo um intervalo inativo entre elas, além de ignorar o fato de que existem diversos movimentos feministas com diferentes demandas dentro da mesma onda (COSTA, 2009). Devido a essa grande diversidade de movimentos, posicionamentos e demandas feministas, muitas autoras, como forma de reconhecimento e valorização, utilizam o termo *feminismos* no plural (CASTRO, 2000; RAGO, 2006; SOIHET, 2006, dentre outras), destacando assim, a multiplicidade do(s) movimento(s).

Para quem prefere livros, há leituras feministas consideradas quase que obrigatórias para um início e/ou aprofundamento no tema. As sugestões que se seguem aqui, são apenas algumas possíveis advindas de minhas leituras pessoais no período da pandemia: “Um Teto Todo Seu” (2014), de Virginia Woolf; “O Segundo Sexo” (2009), de Simone de Beauvoir; “O Feminismo é para Todo Mundo” (2020), de Bell Hooks; “Mã Feminista” (2016), de Roxane Gay; “Sejamos todas Feministas” (2015), de Chimamanda Ngozi Adichie; “Transfeminismo: teorias e práticas” (2014), de Jaqueline Gomes de Jesus (org.); “Teoria King Kong” (2016), de Virginie Despentes; “Mulheres, Raça e Classe” (2016), de Angela Davis; “Breve História do Feminismo no Brasil e Outros Ensaios” (2017), de Maria Amélia Teles; “Calibã e a Bruxa” (2017), de Silvia Federici; “Quem tem Medo do Feminismo Negro?” (2018), de Djamila Ribeiro; “Explosão Feminista” (2018), de Heloisa Buarque de Hollanda.

---

<sup>5</sup> Cisgênera.

<sup>6</sup> Transexual.

A quarta onda feminista chegou a ser batizada de “ativismo de sofá” (COSTA, 2018) por ter seu início nas redes sociais. Um início ainda recente, algo próximo, entre aos anos de 2010 e 2014. Mas, apesar das críticas, rapidamente se compreendeu que as redes virtuais eram e são um espaço de ativismo que dá voz às mulheres de uma maneira muito rápida e articulada, o que possibilita a comunicação entre diferentes grupos em várias partes do país e do mundo. A percepção que se tem é que nunca as táticas e militâncias das mulheres foram tão fortes e produziram tantas reações e tantas alianças em escala mundial tal qual se vê hoje. São estratégias que potencializam principalmente os relatos de experiência de violência de gênero em primeira pessoa e o uso de *hashtags*<sup>7</sup> feministas, tais como: #PeloFimDaCulturaDoEstupro; #MeuAmigoSecreto; #NãoMereçoSerEstuprada; #EuEmpregadaDoméstica; #NãoÉNão; #MexeuComUmaMexeuComTodas #PrimeiroAssédio; #EleNão; e uma série de outras *hashtags* que são criadas, sempre de forma muito rápida, a partir das demandas que surgem no debate e na luta cotidiana das mulheres.

Mas, o que parece ser mais forte nessa dita quarta onda é que ela vem apontando para uma recusa na formação de lideranças fixas e tem priorizado a voz do coletivo (que é bem diverso). Com uma linguagem política, que passa muito pela linguagem da performance, das artes e da música; tendo o uso do corpo e das palavras como principal plataforma de expressão. É o que se está chamando de “ativismo” – arte + ativismo (NASCIMENTO, 2014). É um momento importante também de ampliação do debate para as questões do feminismo negro e do transfeminismo.

Algo que se junta a esse ativismo, se constitui no fato de que cada vez menos as mulheres estão tendo vergonha de se afirmarem feministas; ou de entenderem suas diferentes formas de ser e de se afirmarem mulheres; ou ainda de procurarem compreender as diversas formas de opressões de gênero por que são atravessadas suas vidas e seus cotidianos, além da necessidade de lutar contra isso. Esses movimentos identitários, percepções, buscas e lutas, têm permitido, cada vez mais, a possibilidade de libertação e de empoderamento feminino através de linguagens artísticas.

Porém, importante lembrarmos que, apesar de toda essa reinvenção contemporânea do que se entende por feminismo, o filósofo Paul Preciado (2020), nos adverte que a expressão “feminismo” foi inventada em 1871 pelo médico francês Ferdinand de La Cour. De la Cour tinha uma tese em que afirmava que o feminismo era

---

<sup>7</sup> Hashtags são marcadores que concentram determinada temática para facilitar a visibilidade e acesso nas redes sociais.

uma patologia que afetava os homens tuberculosos e produzia, como sintoma secundário, uma “feminilização” do corpo masculino. Ou seja: cabelo, barba e sombrancelhas com pelos muito finos; cílios longos como das mulheres; contornos do corpo mais suaves, delicados e flexíveis; além de genitais com tamanho reduzido. Um ano depois da tese de De la Cour, o escritor francês Alexandre Dumas Filho reutiliza o termo “feminismo”, mas para descrever ações solidárias de homens em apoiar causas de mulheres que lutavam por direitos. Assim, em outras palavras, as primeiras feministas eram... Pasmem!... Homens. Homens tuberculosos e anormais, homens considerados sem “atributos viris”, e ainda, homens considerados solidários às mulheres.

Muita coisa mudou do feminismo de 1871 pra cá (2022). Diante dessas questões, tenho adotado em minha escrita e nas formas de pensar sobre a luta das mulheres, tanto o uso do termo “feminismos” (no plural), mas também e cada vez mais o termo “mulheridades” por incluir as mulheres trans, travestis e outras pessoas LGBTQIA+. O termo mulheridades é uma das muitas possibilidades de construir outras formas e outros sentidos para denominar todas/todes que se identificam de alguma forma com esse espectro do ser mulher e que lutam por direitos.

A visualização de corpos vulneráveis, marginalizadas e não reconhecidas em suas mulheridades é o foco atual dos debates transfeministas. A proposta se esboça em uma nova experimentação que direciona o olhar às identidades e feminilidades que fogem do padrão determinista biológico e que se manifestam em corpos diversas de maneiras variadas. Em entrevista a Helena Vieira e Bia Bagagli (2018), Jaqueline Gomes de Jesus, mulher trans negra e professora do IFRJ, fala sobre o termo mulheridades e destaca a inclusão e o reconhecimento das mulheres trans enquanto mulheres, sem precisar do aval de mulheres cis para isso.

Em um novo contexto de produções artísticas destacam-se experimentações fortes e importantes, tais como: o uso de performances, de auto exposições corporais, letras e vozes como plataformas de denúncias das violências e dos abusos masculinos, mas também, da exaltação das diferentes potências, belezas e poderes que se contrapõem à discursos e práticas heterocisnormativas, patriarcais, machistas e/ou sexistas. Entretanto, para reconhecer essas múltiplas expressões de feminismos e mulheridades, não basta observar as palavras escritas e/ou cantadas pelas artistas. A combatividade delas parece se inscrever também na corporeidade e na criação de sonoridades. Corpos e sons tão singulares que acabam se constituindo um pujante campo artístico, mas também político-performático. São as técnicas utilizadas nas composições, a escolha dos instrumentos, os

timbres, os usos performáticos da voz e do corpo no palco (ou no clipe), os modos de produção e, principalmente, os resultados que são colocados em cena e suas repercussões.

Duda Kuhnert (2018) afirma que são muitas as possibilidades de intervenção através da arte. A força da performance, para além do uso do corpo como estratégia de expressão, está em desestabilizar a cidade; desabituar e desmecanizar práticas e pensamentos. É disseminar dissonâncias. ‘A performance então, deveria ser vista como uma ativação do corpo como potência relacional, como uma tomada de consciência ativa que cria uma situação política’ (KUHNERT, 2018, p. 83). Assim, se faz urgente pensar as corpos das mulheres artistas como plataformas de expressão que exibem os muitos sentidos do ser mulher.

Durante o bate papo que tive na Rádio Cafuné em 2020, dividi a atividade em seis blocos temáticos que duraram um pouco mais de duas horas num encontro (24/11/20) e outras duas horas em outro encontro na semana seguinte (01/12/20). Esses blocos foram intercalados por músicas, conversas, trocas/indicações de leituras e depoimentos mais pessoais/íntimos das ouvintes presentes. Eu estava entre tocar/escolher as músicas, facilitar o debate entre as que falavam por áudio/câmera e administrar o chat, juntamente com outras integrantes organizadoras da Cafunelas<sup>8</sup>. A ordem dos temas dos blocos seguiu a lógica de minhas buscas por músicas que já conhecia e de outras que fui conhecendo ao longo da organização do *setlist*.

A maior parte das ouvintes, ao que pude apurar através de observação e escuta, se constituía por mulheres brancas, todas cis – algumas se afirmavam lésbicas, outras se diziam *bi*<sup>9</sup> ou *pan*<sup>10</sup>; todas aparentavam ser de classe média e se encontrar entre os 30 e 45 anos de idade. Havia ainda, em menor quantidade, mulheres negras e também mulheres de mais idade (essas eram mães de ouvintes que acompanhavam a programação ao lado das filhas e/ou filhos). Além das ouvintes, havia alguns homens presentes que permaneciam, na maior parte do tempo, em silêncio. Ao todo, entre saídas e entradas da plataforma Zoom, houve um pico de 44 pessoas *online* ao mesmo tempo, em cada um dos encontros que tivemos na Cafunelas.

---

<sup>8</sup> Apenas o primeiro encontro (do dia 24/11/20) foi gravado, mas sem o registro do *chat*. O que demandou de mim algumas lembranças e registros, mas também alguns lapsos que repercutem em possíveis ausências aqui no texto.

<sup>9</sup> Bissexuais.

<sup>10</sup> Pansexuais.

## Bloco 1. Machismos e Violências

Nesse primeiro bloco tivemos uma sequência de músicas que abordavam os machismos e as violências sexistas. Iniciamos com a cantora mexicana Renee Goust, entoada pelo embalo de sua “La cumbia Feminazi”: “(...) *Sin deber y sin temer / Tan solo por ser mujer / Valiente y poco frágil / Un incógnito virtual / Por quererme provocar / Me dijo feminazi (...)*”. E seguimos com a doçura da voz de Ekena que lançou, em 2017, o seu primeiro disco solo: “Nó”. Ekena afirma, abertamente, em uma entrevista ao site do Itaú Cultural<sup>11</sup>, que estava no fundo do poço no momento de feitura desse disco e que ele, literalmente, a salvou – ela conta que havia saído de um relacionamento abusivo e que a música “Todas Putxs” foi sua cura e que, com ela, pôde tornar externa a sua dor interna. Disse ela: “assim dói menos, até não doer mais!”. “Todas Putxs” nos faz perceber o quanto é difícil encontrar uma mulher que a escute sem se remeter a lembranças de dor e sofrimento advindas de relacionamentos abusivos. O refrão da sua música, em forma de cuidado, acalenta: “(...) *Mulher, a culpa que tu carrega não é tua / Divide o fardo comigo dessa vez / Que eu quero fazer poesia pelo corpo / E afrontar as leis que o homem criou pra dizer (...)*”.

Ainda nessa sequência musical, escutamos a voz já consagrada de Elza Soares. Considerada pela revista *Rolling Stone Brasil*<sup>12</sup> como uma das cem maiores vozes da música brasileira. Elza se tornou um grande ícone (quase que imortal e atemporal) de denúncia contra a violência de gênero, principalmente com a música “Maria da Vila Matilde” do álbum “A Mulher do Fim do Mundo” (2015). A música de Elza vem pra denunciar a violência de proximidade que muitas mulheres sofrem por conta dos machismos dos seus namorados/companheiros ou de tantos outros homens próximos a elas (pais, padrastos, irmãos, cunhados, filhos, vizinhos e colegas de trabalho):

*Cadê meu celular? Eu vou ligar prum oito zero / Vou entregar teu nome e explicar meu endereço / Aqui você não entra mais / Eu digo que não te conheço / E joga água fervendo se você se aventurar (...) Eu quero ver você pular, você correr / Na frente dos vizinhos / Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim* (Trecho da música “Maria da Vila Matilde”, cantada por Elza Soares).

Seguindo a pegada de denúncias e desabafos de violência, de opressão e de superação feminina, escutamos MC Carol com a música “100% Feminista” que ela canta

---

<sup>11</sup> <https://www.itaucultural.org.br/ekena-meu-maior-no-desatado-foi-me-aceitar-e-me-amar>

<sup>12</sup> <https://rollingstone.uol.com.br/>

junto com Karol Conká (que também já é bem reconhecida nesse debate de libertação feminina através da arte). As duas juntas são uma explosão. Palavras de ordem, tais como “*abaixa a sua voz*”, “*abaixa a sua mão*” e “*mais respeito*” são entoadas na música e direcionadas abertamente para os homens.

Já pensando mais localmente, a partir de onde falo, da Paraíba, que ainda é um estado do nordeste brasileiro com altos índices de violência contra as mulheres, a gente escuta o grupo paraibano de hip hop, “Sinta a Liga Crew”, que tem diversas composições autorais celebrando o poder feminino, a liberdade e, principalmente, a sororidade. Trago a música “Campo Minado”, em que as minas gritam palavras e frases de ordem contra o patriarcado: “*em terra de machocrata, quem se desconstrói é rei*”; “*se o corpo é meu, é minha lei*”; “*se eu não quero, não insista*”; “*eu sou a neta da bruxa que a fogueira não queimou*”; “*os macho tremeu na base quando as mina se juntou (...)*”.

E, segue o baile...

Para terminar esse bloco de escraço ao machismo e à violência contra as mulheres, a gente escuta a banda punk “Charlotte Matou um Cara”, que tem, em todas as suas músicas, influências feministas, antifascistas e anti-homofóbicas. O “Punk Mascuzinho” é uma das minhas preferidas em que elas apontam questões relacionadas aos caras que se dizem “desconstruídos”, “cabeça aberta” e, supostamente, “feministas” (daqueles que até ensaiam ensinar para as mulheres o que é feminismo), mas que, na verdade, estão o tempo todo reproduzindo o machismo estrutural que cala as mulheres e as coloca como inferiores. E aí, elas cantam:

*Ele diz que é punk / Mas é um puta de um machista. Diz que é anarquista / Mas é um mascuzinho. Punk Mascuzinho. De que adianta citar Marx, Bakunin / Dizer que é black bloc e toma bala de borracha / Se quando chega em casa enche a mina de porrada?! (Trecho da música “Punk Mascuzinho”, cantada pela banda “Charlotte Matou um Cara”).*

Durante as músicas desse primeiro bloco, o *chat* da rádio não parava de rolar com comentários das ouvintes a respeito desse padrão masculino de comportamento e das suas formas de lidar afetivamente com as mulheres, geralmente, formas abusivas, ou mesmo, violentas. Após as músicas, houve uma sequência de relatos sobre situações de opressão vividas por algumas das mulheres presentes que optei por não descrever aqui, na tentativa de respeitar e não expor ainda mais as mulheres e suas histórias de dor e sofrimento. Esse texto não é sobre isso. Por fim, na tentativa do afeto e do cuidado, mesmo que virtual,



seguiu-se um debate puxado pelas organizadoras do Cafunelas sobre não se estar sozinha, que a dor de uma é a dor de todas. Algumas mulheres choraram e os homens presentes permaneceram em silêncio.

## **Bloco 2. Respeito**

O segundo bloco trouxe músicas que ainda estão muito dentro do enredo do debate sobre machismos e violências do bloco anterior, mas que fazem entoar, além das denúncias, os gritos por liberdade e, principalmente, por respeito às mulheres. Temos, então, uma sequência musical mais curta com a Kell Smith cantando “Respeita as Mina”; a rapper Issa Paz, com a música “Respeita Nosso Corre”; e Ana Cañas cantando “Respeita”. Todas com discursos bem fortes que tratam sobre a necessidade de quebra do machismo estrutural presente em nosso dia a dia.

A cantora Kell Smith, por exemplo, entoa máximas feministas de quebra do patriarcado, tais como “(...) *o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser (...)*”, e continua: “(...) *Cê fica em choque por saber que eu não sou submissa / E quando eu tenho voz, cê grita “ah lá a feminista! (...)*”.

No que se refere a essa quebra do machismo estrutural, Paul Preciado, em uma conversa *online* com o cantor Caetano Veloso na FLIP/2020<sup>13</sup>, afirma ser um “otimista patológico” e que acredita que “a epistemologia patriarcal e colonial está a ponto de colapsar”. E continua: “como vamos viver nas suas ruínas, essa é uma questão, mas que ela vai cair, isso é certo!!”<sup>14</sup>.

Assim esperamos, Paul!

E, pra fechar esse segundo bloco musical, seguimos com a música “Triste, louca ou má” de Juliana Strassacapa, presente no álbum da banda “Francisco El Hombre”, e que entoa diversas expressões em que as mulheres são adjetivadas de tristes, loucas e/ou más quando não querem cuidar da casa, casar, ter filhos ou serem as únicas responsáveis dos cuidados com a família. São aquelas mulheres que contrariam “*a bem conhecida receita*” que é mencionada na música de Juliana e que remete às mulheres que não seguem os padrões culturais patriarcais, “merecendo” o lugar da tristeza, da loucura e da solidão. “Triste, louca ou má” é vista por muitas como um hino de libertação feminina, pois propõe que elas não se deixem mais ser definidas pelos homens e pelos ideais patriarcais para

---

<sup>13</sup> Festa Literária Internacional de Paraty 2020.

<sup>14</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=fHLB8kcD49Q>

que, assim, consigam desatar os nós do machismo e do sexismo que as prendem. E assim, aprender a viver nas ruínas do patriarcado, tal como disse Paul Preciado.

Chat em silêncio, câmeras ligadas e vários olhos marejados nesse bloco.

### **Bloco 3. Empoderamento**

No terceiro bloco de músicas e conversas, há uma virada nessa loucura da violência e da falta de respeito com relação às mulheres, trazendo força e peso à potência do feminino.

Começamos escutando, logo de cara, Karol Conká, com a música “É o Poder”, que arranca o patriarcado com a língua e os dentes nessa e em tantas outras músicas da cantora. E, como ela diz, “eu vim pra incomodar” (o que parece ser, ainda hoje a missão das mulheres que lutam contra o machismo: trazer incômodos). Eu fico aqui ansiosa, na espera do dia que as mulheres não precisem mais incomodar! E me junto a Paul Preciado em seu “otimismo patológico”: o patriarcado há de cair!

Depois escutamos Flora Matos, com “Preta de Quebrada” que explora essa falta dos homens em saber cuidar, dar afeto e amor. “Eles parecem perdidos e precisam se reinventar com urgência!” – uma das ouvintes comenta no *chat* enquanto a música rola.

Outra ouvinte comenta na sequência:

Muitas de nós, mesmo não nos afirmando lésbicas, por vezes, preferimos nos relacionar afetivamente com outras mulheres porque acaba sendo uma relação muito mais tranquila, sem se ter aquela sensação constante de disputa e de submissão presente nas relações hetero (ouvinte da Rádio Cafuné, em 24/11/21).

Finalizamos esse bloco com a paraibana Luana Flores cantando “Reza”, que tem a proposta de retomar, em suas letras, as sabedorias populares ancestrais, o poder das ervas e a ressignificação do que se entende por bruxa. A música de Luana acaba por rememorar a história de caça às bruxas contada pela filósofa feminista Silvia Federici (2017) e da consequente tortura e execução de centenas de milhares de mulheres no começo da era moderna, gênese do capitalismo. Segundo Federici, a caça às bruxas foi, na verdade, um grande ataque genocida às mulheres com o objetivo de destruir o controle delas sobre elas mesmas, sobre seus corpos, seus trabalhos e seus poderes sexuais e reprodutivos, preparando o terreno para uma maior opressão do regime patriarcal. Foi um instrumento potente de controle das mulheres pelo Estado, regulando a vida familiar, as relações de gênero e de propriedade. Uma grande guerra contra as mulheres que traz suas

ramificações até hoje: demonizando-as, degradando-as e destruindo seus poderes sociais. “Foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade” (FEDERICI, 2017: 334).

“Quantas aqui seriam queimadas nos dias de hoje?”, pergunto após tocar a música de Luana. Várias ouvintes balançam a cabeça assertivamente na frente das câmeras. Alguém liga o microfone e grita: “a minha fogueira já tá acesa!”. “Se preparem!”, comento: “que as fogueiras pós-modernas são outras!”. Uma ouvinte, que também é cantora, a “Alê” (Alessandra Terribili), diz: “tenho uma poesia que fiz há um tempo atrás, posso ler?” Já no embalo do silêncio positivo que se instaurou com sua pergunta, ela explica que era uma poesia feita para mulheres do meio rural e começa a lê-la. Segue um trecho da poesia de Alê:

Mulher sabe que o mundo não é agora, o mundo já foi e vai ser. O mundo existe pra ser transformado em colheitas de lutas e de sonhos. Mulher rompeu amarras, livrou-se das garras e das mãos que seguravam seus pés. Mulher é inconformada, pode mais e vai além. Mulher não vê o que está ali, vê o que pode estar. E cumpre o caminho que há, enquanto observa cuidadosa para encontrar em que lado estará o mato fechado a ser desbravado na direção do novo dia verde. Mulher colhe todos os dias o que planta, desde a aurora da humanidade, conhece quem é, tem olhos cheios de água e de sons. Choram Marias e Clarices. Riem-se Chiquinhas, Claras, Clementinas, Alices. Mulher não sabe o que é medo porque não teve tempo de aprender (trecho da poesia de Alessandra Terribili lida na Rádio Cafuné, em 24/11/21).

Dona Áurea<sup>15</sup>, uma senhora de cabelos brancos e dona de um sorriso que a faz sorrir com os olhos, escutava atenta a poesia de Alê (encostando todo o rosto na câmera) e, ao final, comenta sua percepção sobre a sexualidade humana. Segue alguns trechos de sua fala:

O nosso mau uso das palavras, me mostrou que nós, há muito tempo, muito tempo mesmo, temos a nossa sexualidade disputada por quem está no poder. Veja você! (...) Os palavrões me mostraram isso. O ‘foda-se’, por exemplo. Dizemos para quem queremos desgraçar: ‘foda-se!’ (...). Mas, quando alguém me diz ‘vai se fuder!’; eu respondo: ‘deus te ouça!’ (...). Então, eu digo pra vocês meninas: ‘vão se fuder e ser feliz!’. Porque fuder é bom demais!” (trechos da fala de Dona Áurea na Rádio Cafuné, em 24/11/21).

---

<sup>15</sup> Depois fiquei sabendo que Dona Áurea era mãe de um dos ouvintes organizadores da Rádio – o Caê – e também mãe da cantora Flora Matos – cantora de uma das músicas que toquei nesse mesmo bloco musical.

Com o mote pronto e montado por Dona Áurea (que não sabia da sequência de minha *setlist*), passamos “nos fudendo” para o bloco musical seguinte.

#### **Bloco 4. Sexo e Putaria**

Nesse quarto bloco musical, começamos já bem quentes, tal como Dona Áurea nos orientou. As ouvintes estavam bem mais animadas do que quando do início da atividade, algumas sorriam um sorriso largo, outras levantavam das cadeiras pra dançar e rebolar na frente da câmera (inclusive Dona Áurea), outras mais contidas ficavam a balançar a cabeça e/ou fazer dancinhas com as mãos (eu era uma delas). Os homens também pareciam mais soltos (apesar de continuarem em silêncio no *chat suas câmeras estavam ligadas*), alguns se arriscavam na frente das câmeras com rebolados, outros lavavam pratos ou faziam coisas cotidianas de uma casa numa terça-feira à noite, enquanto a nossa atividade rolava.

Começamos esse bloco ao som de POCAH com “Não Sou Obrigada” e com ela dizendo que “ninguém manda nessa raba” e que “uma bunda dessas não nasceu pra ser mandada”. Isso me lembra a máxima feminista que virou *hashtag*: “#meu corpo, minhas regras!”. A gente tem gritado isso há um tempo, inclusive! A ideia é essa, tomar o controle de si. Usar a roupa que quiser, rebolar, mostrar ou esconder o que eu quiser, inclusive a “raba”. A corpa é nossa e precisamos ocupá-la! Ou, como diriam as cariocas Ana, Lanor e Karol (que compõem a *girlband* “Donas”), “Quero que você se exploda e que a minha bunda cresça”. Ou ainda, como diria a pernambucana e digital influencer Byanka Nicoli, mais conhecida como “a rainha dos áudios de watzap”: “Fecha o cu que eu tô bebendo”.

Na sequência musical, temos a Mc Baby Perigosa com a contagiante “Grelinho de Diamante”. Na letra, a Mc afirma ser “princesa da favela” e que sua “buceta é viciante”. Uma das várias coisas bacanas nessa música (sim, há varias!) é o fato de ser uma mulher cantando e exaltando sua sexualidade, afirmando com quem, quando e como ela terá prazer. E por falar em sexo, chega a música de Ana Cañas, pra aumentar a temperatura com “Lambe-Lambe” ensinando em sua letra como chegar junto e usar a língua no sexo oral em uma vagina. Isso de usar a língua, inclusive, acaba sendo uma queixa geral da mulherada hétero com “a falta de habilidade na lambida”, parafraseando a Karol Conka em uma de suas músicas. Nas câmeras ligadas da Rádio Cafuné (durante a música “Lambe-Lambe”), algumas ouvintes mostram desenhos, brinquedos e bijus em formato de vagina e chegam a apontar para elas como se tivessem a ensinar onde e como tocar/lamber.

E, por fim (do bloco), escutamos a cantora pernambucana Flaira Ferro com “Coisa mais Bonita”. A música se mostra como uma louvação à quem se toca, goza e que busca prazer de maneira libertária. “(...) *O clitóris é antídoto pra morte (...)*”, canta Flaira. O clipe da música no youtube<sup>16</sup> mostra cenas reais de mulheres se masturbando e gozando (com o foco da câmera apenas nos rostos delas e em suas expressões de prazer). No clipe, o corpo das mulheres fala pelo gozo ao embalo da música da Flaira. Um gozo político, emancipatório e libertador porque escancara a busca pela liberdade sexual, ainda tão temida, massacrada e silenciada pelo moralismo do estado patriarcal.

No *making of* do clipe<sup>17</sup>, Flaira comenta:

Vamos naturalizar o gozo, vamos tornar o gozo algo comum à vida, assim como comer, assim como dormir, são necessidades físicas, são necessidades espirituais, emocionais. A libido, o gozo e o prazer também! Compreender que isso é parte da nossa natureza e a gente não deve se esconder disso, não deve ter medo de olhar pra isso. A gente tem que encarar de frente e ser feliz! (Fala da cantora Flaira Ferro no *making of* de seu clipe “Coisa mais Bonita”).

## **Bloco 5. Negritude**

O quinto bloco inicia já com duas horas de atividade na rádio sem intervalo. O combinado e proposto eram duas horas. Ninguém parecia querer parar. Chegaram a me dar um nome de Dj (Dj Bruxana) e pediram para que eu continuasse por mais um pouco. Assim fizemos. Cantoras negras e poderosas surgiram nesse bloco e, em suas letras, falavam sobre as mulheres pretas. Minha ideia era trazer músicas que trouxessem à baila, através das suas letras, questões sobre preconceito racial e empoderamento feminino.

Começamos com “Funmilayo Afrobeat Orquestra”, uma banda paulista só de mulheres negras (são 11 mulheres ao todo) e com um nome inspirado na luta feminista de uma mulher negra nigeriana: a Funmilayo Kuti (apelidada de “Mãe África” e mãe de Fela Kuti). A música “Negração” surge como um ode entoado de força antirracista da mulher negra: “(...) *Sangro mas canto / Do luto à luta / A cada grito de ódio que mente / Vai ecoar: Marielle Presente! / Me construí na negação do que eu sou / Reconstruí, negra e ação hoje eu sou (...)*”. Mas, não é só da luta antirracista que Funmilayo Afrobeat Orquestra vem. A sua luta é também contra o machismo, afirmam elas em uma entrevista:

---

<sup>16</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=4W8Jo-4IqcQ>

<sup>17</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=WO3aixpTO8A>

Queremos forçar nossa entrada em espaços que até então eram entendidos como prioritariamente masculinos. Às mulheres, principalmente no *Afrobeat*, somente era reservado o espaço de *backing vocals* e dançarinas. Nós queremos mais, porque podemos fazer mais (Fala das integrantes da Funmilayo em entrevista ao Hypeness<sup>18</sup>).

E segue Funmilayo Afrobeat Orquestra a entoar o feminismo negro em suas letras: “(...) *Olhei pro jornal - Não me vi / Olhei pra Revista - Cadê? / Dizem que eu nasci - Pra servir / Vou mostrar que foi - Pra vencer (...)*”.

Na sequência musical temos a mineira Bia Ferreira – cantora, compositora, multi-instrumentista e ativista – com a música “Não Precisa ser Amélia”. Bia também é autora de “Cota Não é Esmola” e “De Dentro do AP”, todas do seu álbum “Igreja Lesbiteriana, um Chamado” (2019). A letra de “Não precisa ser Amélia” trata sobre a liberdade das mulheres de serem o que elas quiserem: “(...) *seja preta, indígena, trans, nordestina / não se nasce feminina, torna-se mulher (...)*”. Simone de Beauvoir já havia falado sobre a desnaturalização do ser mulher em sua obra “O segundo sexo” (1949) ao dizer que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Uma máxima bem conhecida e usada na letra da Bia Ferreira, mas que ainda precisa ser repetida para que se compreenda que não é possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos biologicamente determinados.

Já na sua música “De Dentro do AP”, Bia faz uma crítica ferrenha ao dito “feminismo de sofá” de determinadas mulheres que não se movimentam para olhar e lutar por outras pautas que não as suas e que englobem mulheres negras e de periferia. Bia canta: “(...) *De dentro do apê / Ar condicionado, macbook, você vai dizer / Que é de esquerda, feminista, defende as mulher / Posta lá que é vadia, que pode chamar de puta / Sua fala nem condiz com a sua conduta / (...)/ E pra falar sobre seu ativismo? / Quando foi que cê pisou numa favela pra falar sobre o seu / Fe-mi-nis-mo?(...)*”. Em sua música, Bia aponta para um mundo de distâncias e privilégios hegemônicos brancos criados pelo racismo que confere vantagens às mulheres brancas e de classe média, se pensadas e comparadas, em relação às mulheres pretas da periferia.

Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos. Essa não é uma luta meramente identitária, destaca a filósofa Djamilia Ribeiro (2018), que questiona de forma contundente o patriarcado racista presente em nossa sociedade:

---

<sup>18</sup> <https://www.hypeness.com.br/2019/12/funmilayo-afrobeat-a-banda-so-de-mulheres-negras-que-vai-virar-o-jogo/>

Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo (RIBEIRO, 2018: 27).

O feminismo negro surge como instrumento crítico poderoso para se pensar as mulheres negras e suas especificidades, mas também, o modelo de sociedade que queremos.

Sofrer com a opressão machista e patriarcal de nossa sociedade, infelizmente e ainda, todas (mulheres negras, brancas, cis, trans, hétero, lésbicas, bis) sofrem. Isso é um fato! Mas, há de se pensar e, Djamilia nos ajuda bastante nisso, o quanto boa parte do feminismo branco possui resistência e arrogância em perceber que, apesar do gênero nos unir, há outras especificidades que nos separam / nos afastam e que precisam ser lembradas como privilégios para umas e como dificuldades a mais para outras. Djamilia destaca que enquanto feministas brancas tratarem a questão racial como birra e disputa, em vez de reconhecer seus privilégios, o movimento não vai avançar, mas sim, reproduzir as velhas e conhecidas lógicas de opressão.

Na sequência musical escutamos a jovem Mc Soffia, “Menina Pretinha” (música lançada em 2016, quando ela tinha apenas 12 anos de idade). Sua proposta, na letra, é quebrar com o exotismo objetificador da mulher negra: “(...) *Menina pretinha / Exótica não é linda / Você não é bonitinha / Você é uma rainha (...)*”. Soffia segue na música exaltando a beleza dos traços negros que tentam ser apagados pelo racismo machista que insiste em forçar mulheres negras a alisarem seus cabelos, tal como a Barbie. Entretanto, Soffia entoou: “(...) *Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena Africana (...)*”.

Na Rádio, ao fim desse bloco musical, falei um pouco sobre as artistas, as músicas tocadas e sobre feminismos negros. Não houve debate. As mulheres brancas, que eram maioria no momento da atividade, ficaram em silêncio e, as poucas mulheres negras presentes, assim também permaneceram. Um silêncio incômodo quebrado pelo comentário de uma das ouvintes: “gostaria de ouvir mais sobre o feminismo preto, não é um tema que me compete, mas é um tema que me interessa muitíssimo e que eu gosto de me calar e ouvir e aprender sempre”.

Por vezes, o silêncio fala muito. O silêncio a respeito do feminismo negro ainda é imenso! Seja pela falta de conhecimento sobre o assunto, seja pelo receio de falar ou, pela descrença que este tema seja realmente necessário.

## **Bloco 6. LGBTQIA+**

Devido ao tempo estourado de minha atividade na rádio Cafuné no dia 24/11/20, esse último bloco teve que ficar para um outro dia (na semana seguinte, dia 01/12). A parte boa é que tivemos mais tempo pra conversar sobre essa temática e mais músicas para ouvir. Nesse dia eu senti com mais intensidade as dores e as delícias de ser uma Dj (mesmo que experimental). As pessoas dançaram muito nesse dia, mais do que no outro, o que me deixou bem empolgada e, ao mesmo tempo, com medo de errar nas escolhas musicais ao longo da atividade. Como era nosso segundo encontro, a maioria das/dos ouvintes já me conheciam e já me chamavam pelo nome de Dj: “Bruxana, bem vinda de volta”, escreveu alguém no *chat* quando entrei no link da rádio. “Ahhh, Dj Bruxana, que delícia ter vc de novo!”, comentou outra. Eu sorrio, explico que não sou Dj e que estava com receio das expectativas criadas pelo nosso último encontro.

O clima é de descontração e esse bloco vem pra fechar e enterrar bem fundo o caixão do patriarcado e instaurar a era do Lesbiarcado, do Bixarcado, do Viacardo e do Traviarcado com as sapatonas, as bixas, as viadas, as trans, as não binárias e as drags invadindo a cena musical com muito batidão *queer* e palavras fortes que incitam a mudança da estrutura social machista em que vivemos.

Lembrando que estou usando esses termos ditos “perjorativos” (bixa, viado, sapatão, trava...) na proposta de desconstrução e ressignificação. Coisa que algumas vertentes do movimento LGBTQIA+ contemporâneo já vem fazendo nos últimos anos. Afinal os termos “homossexualidade”, “transexualidade” e, até mesmo, “feminismo” e “gênero” não foram criações de ativistas sexuais, mas sim, inventadas pelos discursos médicos e psiquiátricos dos últimos séculos – tal como expliquei sobre a história e o uso médico do termo “feminismo”. A medicina e a sociedade, de forma geral, ainda colocam muitos desses termos em caixas patológicas que legitimam linguagens e práticas de dominação, violência e exclusão.

Começamos essa seleção musical com a maravilhosa Mulamba, com a música “Espia Escuta”, exaltando as várias mulheridades possíveis e já avisando que a “mulhereda” está ficando “embucetada”. Canta ela: “(...) *Ela é profissional do sexo, presidenta, empregada / Transa bi, homem, mulher, trans, travesti, tá elevada / Prefere uma siririca à macho escroto de balada / Essa é a mulher do futuro, e vem viado / Porque é a mulherada ficando embucetada (...)*”.



Na levada das sapatonas feministas, vamos com a GA31 ou simplesmente Gabi, com uma musicalização eletrônica de voz robótica: “Felizmente sigo Sapatona”. Já na pegada de usar esses nomes considerados socialmente pejorativos (aqui, no caso, “sapatona”) e transformá-los em palavras de luta – em reconstruções subversivas dos gêneros e das sexualidades. Essas subversões parecem ser possibilidades de acionamentos de recursos subalternos de sobrevivências e resistências. Em entrevista ao site “Sou Betina”<sup>19</sup>, GA31 fala a respeito do uso do termo “sapatona” em suas músicas:

É uma ironia, um cinismo ativista. Dizer essa palavra nas minhas músicas é como me desprender de uma carapaça social maléfica, que nos mutila e nos limita ao medo de sermos autênticos. “Sapatona” é uma palavra rica, com uma carga histórica intensa e pode ser interpretada com significados preconceituosos ou não. Pra mim essa palavra não é ousada ou preconceituosa, e sim corajosa e natural. Não me soa ofensivo (GA31 em entrevista ao site “Sou Betina”, em 27/02/2015).

Na sequência musical, surgem as bixas (aqui, propositalmente grafo com “x”, na proposta de transformar, de forma transgressora e irreverente, algo com tons socialmente pejorativos, em resistência e militância). A sugestão desse bloco é desestabilizar ainda mais a ordem, fugir de processos normalizadores e questionar a naturalidade da regulação sexual e do dispositivo hetero-patriarcal-machista dominante. Temos então Gustavo Bezzi, com a batidinha “Que Delícia ser Viado”; seguido pela dupla paraense Ctrl+N, formada por Nigel e Haroldo, que também cantam a já conhecida “Eu Prefiro”. Para quem ainda não viu o clipe de “Eu Prefiro”, vale dar uma passadinha no youtube pra assistir. A ideia do clipe surgiu a partir da pesquisa de mestrado de Haroldo, que é voltada para a cultura remix e os memes da internet. Daí o clipe de “Eu Prefiro” acaba sendo uma compilação de vídeos de “crianças viadas” que se tornaram memes na internet, muito numa proposta de pensar sobre essas “crianças viadas” e de como elas são reprimidas e hostilizadas socialmente, mas que, nas redes sociais, acabam viralizando e colocando a questão da homossexualidade na mesa e no som da já não tão tradicional família brasileira. A proposta da dupla no clipe foi de dar mais visibilidade como arma de luta contra a homofobia e o machismo dentro do universo gay e, visualmente também ficou muito bom, porque são memes já conhecidos nas redes sociais. O sucesso de “Eu Prefiro”

---

<sup>19</sup> <https://soubetina.com.br/entrevista-com-ga31-a-forca-da-mulher-sapatona/>

foi tão grande que eles decidiram lançar outra no mesmo tom: “Afeminada”. A música é uma ode às bixas afeminadas:

*Reclamam do jeito que eu dou risada / Reclamam da minha mão desmunhecada / Reclamam do jeito que / Jogo o cabelo pra trás / Pra trás, pra trás, pra trá trá / E dizem que a minha voz é bem miada / Que não precisa ser tão afeminada / Precisa sim, precisa sim / Precisa sim, precisa sim, precisa sim, precisa sim / Inhaí, pode reclamar / Eu vou continuar assim afeminada / Bem afeminada, bem afeminada / Vem bem afemin... / Inhaí, não gosta de mim? / Então precisa respeitar as afeminada / As afeminada, bem afeminada / Vem, bem afeminada* (Trecho da música “Afeminada”, cantada pela dupla Ctrl+N).

Fechando essa sequência bixa, escutamos o Getúlio Abelha, com o brega funk “Aquenda” que, aparentemente, surge apenas como um escracho gay entoadado por: “(...) *Prefiro usar calcinha / Prefiro usar calcinha / Ela aquenda a minha neca / E valoriza a minha bundinha (...)*”, mas que, na verdade, se soma a um humor bem crítico sequenciado por frases de ordem e pedidos por respeito à família: “(...) *Ai meu Deus, o meu filho de calcinha / Como é que eu vou explicar pras criancinhas? / Oh, my dad, você pare de frescura / E vá ensinar pra elas o que foi a ditadura (...)*”.

Continuando a sequência musical surgem as trans, drags e não binaries. A clássica Mc Xuxu com “Um Beijo”, música de 2013 e que exalta a presença e a beleza das travestis nas baladas, com o propósito de amenizar o peso do preconceito e da transfobia de forma mais debochada: “(...) *Um beijo pra quem é DJ / Um beijo pra quem é MC / Um beijo pra quem é do bem / Um beijo pras travestis (...)*”. Em seguida, a funkeira Pepita com “Chama a Beleza” que também acaba por exaltar a beleza travesti:

*Eu não falei bonita / Eu não falei pintosa / Eu não falei Patrícia / Eu não falei gostosa / Vem menino ou menina / Muito menos princesa / Sabe o que eu falei? / Sabe o que eu falei? / Chama, chama, chama a beleza* (Trecho da música “Chama a Beleza”, cantada por Pepita).

Seguindo na mesma trilha musical, temos a drag Potyguara Bardo, do Rio Grande do Norte, com “Mamma Mia”, numa pegada com duplo sentido e bem fina, porque... “(...) *Eu sou uma peça rara de uma leva especial / No meio das minhas coxas, guardo algo colossal (...)* Não contemplo a existência, nem penso na depressão / Eureka de cu é pika, vem sentar no cabeção (...)”. Ou, como diria Sócrates (o filósofo), o coito anal é a melhor forma de inspiração (LIMA, 2008).

Ainda na levada das drags exaltando a corpa e a beleza feminina em suas mais variadas formas e possibilidades, escutamos “Bumbum de ouro” da já conhecida Gloria Groove: “(...) *Essa mina é um tesouro, bumbum de ouro / Dezoito quilates de bunda ela tem / Sabe que é um estouro, já fez pegar fogo / Então bate que brilha e se joga também* (...)”.

Na sequência, quebrando de vez os protocolos da fineza, Linn da Quebrada, com a música “Pirigoza” que bate no ouvido das ouvintes com um som mais pegado e escancarado de denúncia ao machismo, ao binarismo e à transfobia:

*Eu quero saber quem é que foi o grande otário / Que saiu aí falando que o mundo é binário / Hein? / Se metade me quer (ahã) / E a outra também (pois é) / Dizem que não sou homem (xii!) / Nem tampouco mulher / Então olha só, doutor! / Saca só que genial / Sabe a minha identidade? / Nada a ver com xota e pau!* (Trecho da música Pirigoza, cantada por Linn da Quebrada).

Linn é trans, preta e periférica. Atriz, bailarina, performer e “terrorista de gênero”, tal como ela se define. Com letras dançantes e, ao mesmo tempo, políticas, o show da Linn é uma mistura de protesto, artes visuais e muita dança. Foi da Linn que escutei, pela primeira vez, no documentário “Bixa Travesty” (2019)<sup>20</sup>, o termo “mulheridades” para falar sobre as muitas formas de ser mulher e de se construir e se desconstruir como mulher. Mulheridades, para a Linn significa poder e resistência. É da Linn, também, a frase que acaba por compor o título deste artigo: “o corpo dela é uma ocupação”, presente em outra música sua, “Mulher”:

*De noite pelas calçadas / Andando de esquina em esquina / Não é homem nem mulher / É uma trava feminina / Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios / Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação / É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto / Tá sempre em desconstrução* (Trecho da música “Mulher”, cantada por Linn da Quebrada”).

De fato, o corpo da Linn, e de tantas outras artistas contemporâneas à ela, é uma ocupação. Um corpo/uma corpa que está sempre em desconstrução, sendo usado por ela como ferramenta política de luta e transformação social. Uma poderosa arma na quebra dos paradigmas de gênero, sexualidade, classe e raça.

---

<sup>20</sup> Bixa Travesty (2019), documentário com direção de Kiko Goifman e Claudia Priscilla. Elenco: Linn da Quebrada, Jup do Bairro e Liniker de Barros.

Quase no fim desse último bloco musical na Rádio Cafuné, a gente escuta Bixarte – cantora, compositora, poetisa, rapper, paraibana, preta, trans e periférica – com a música “Assiste meu Sucesso” que, numa mesma música, fala sobre homofobia, transfobia, machismo, racismo e fascismo:

*Quando eu passo diz que eu não presto liga a TV assiste meu sucesso / Sou a revolta daqueles que vocês sempre disseram que não ia vencer (...) Consigo sentir de longe o cheiro de machista fracassado / Bolsonaro diz que é bruxo e liberou a caça contra os viado (...) Só quem tem raiva da frase fogo nos Racistas é que tem medo de se queimar”* (Trechos da música “Assiste meu Sucesso”, Bixarte).

Bixarte (Bianca Manicongo) também faz de sua corpa uma ocupação. No dia 07 de setembro de 2020 lançou o clipe da música “Assiste Meu Sucesso”<sup>21</sup>. Sua proposta de lançar nessa data foi uma disseminação da mensagem de sucesso, independência e prosperidade para as pessoas trans que são invisibilizadas constantemente. Bixarte, em entrevista ao G1<sup>22</sup>, afirmou: “A gente escolheu esse dia 7 de setembro como uma forma de romper de vez essa dependência das travestis da palavra morte. Nós não vamos mais pertencer à palavra morte”.

Bixarte tem nas plataformas online, principalmente Youtube e Instagram, como as grandes formas de continuar a divulgar seu trabalho durante o isolamento social. Além das suas músicas – sempre muito críticas e que atacam o machismo, a homofobia, a transfobia e o patriarcado – a artista posta vídeos curtos em seu Instagram (@bixarte), de aproximadamente um minuto, em que realiza ataques, em forma de poesia, à situação política e estrutural atual do país. Em um de seus vídeos, lançado no dia 24 de março de 2021, quando o Brasil contabilizava 3 mil mortes diárias decorrentes da Covid19, Bixarte afirma, com sua corpa abraçada às grades da porta de sua casa:

Mais de 3 mil mortes por dia e você só tem aglomerado? Ninguém vai morrer porque chegou a hora, isso é um plano genocida do Estado. Presidente, presta atenção no que tá acontecendo, seu governo negligenciando vacina enquanto o povo brasileiro tá morrendo. O SUS tá uma ferida aberta e não há médico no mundo que possa cicatrizar. Você era pra ser remédio, mas virou carne de porco que faz nossa ferida inflamar (Trecho de um vídeo da Bixarte postado em seu Instagram, @bixarte, no dia 24/03/21 com o título “3.000 mortes é genocídio”).

---

<sup>21</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=en7dLYKFCRQ>

<sup>22</sup> <https://g1.globo.com/pb/paraiba/musica/noticia/2020/09/07/cantora-bixarte-lanca-clipe-de-assiste-meu-sucesso-e-propoe-ressignificar-o-7-de-setembro.ghtml>

Em sua música ‘Travesti no Comando da Nação’ (2021), Bixarte faz previsões prósperas de uma Nova Era em que o patriarcado irá colapsar (segura essa, Paul!). Diz ela em sua letra: “O macho que batia na esposa / Irá queimar na minha fogueira da Santa Inquisição / O macho que tinha vergonha da trava / Terá seus pecados passados no nosso telão / Que a partir de agora você vai me servir / Você vai me chamar de senhora, de senhora / De senhora travesti (...)”.

### **Fim nunca! Início de uma Nova Era. Ou... Conclusões do início**

Quase por fim, mas sempre retornando ao início, tipo *replay*, só que de formas diferentes e transformadas, com novos timbres e entoadas, finalizo a atividade na Rádio Cafuné com o grupo Bomba Estéreo, uma banda colombiana descrita como “eletro tropical” ou “cumbia psicodélica”, com a música “Soy Yo”. Ela vai falar sobre cair, se levantar e continuar forte mesmo diante das críticas sociais. O clipe dela é uma delícia musical e acaba por se encaixar muito bem no debate feminista, transfeminista, preto e LGBTQIA+ que tivemos nesses dois dias de encontro e experimentação no programa Cafunelas da Rádio Cafuné.

A atividade na rádio foi o movimento que eu precisava para ativar minhas leituras e interesses adormecidos por temáticas que envolvam mulheridades, corpos, feminismos, subversão e ativismo. Minha ideia inicial era fazer um texto musicado que pudesse ser lido/escutado por todes, sem grandes pretensões teóricas, mas que ficasse de registro para as integrantes da rádio e também que pudesse servir de movimento para outras pessoas e que essas pessoas ajudassem a movimentar outras pessoas, como numa rádio, divulgando e multiplicando música e informação, preparando seu público para essa programação de uma “Nova Era” que o ativismo parece nos sintonizar, ainda na proposta de ver o patriarcado colapsar.

Eu, durante esses dois anos de pandemia e isolamento social, li muita teoria sobre feminismo, transfeminismo, ativismo e performance, e também consumi muita literatura e músicas feministas. Não, não foi um planejamento de produção acelerada na perspectiva de aproveitar a pandemia para ser *workaholic*. Isso, na verdade estava bem longe dos meus planos. Eu só queria me distrair, escutar música e ler um livro qualquer que não fosse de trabalho. Esquecer um pouco tudo que acontecia lá fora (os medos, as mortes, as perdas, os lutos, as fomes, os choros – meus e das outras). Eu só queria me distrair, ler, escutar música e dançar para espantar tantos males. Mas, a cada dia, tenho me interessado mais por performance e ativismo e ido em busca de me juntar a esse bonde artístico-

musical do colapso patriarcal. Entre as angústias da pandemia que se tornaram um pouco menores com o advento da vacina, concluo que a ideia é não parar, mesmo que seja preciso retornar ao início. Estamos longe do fim, mas bem perto do início de uma Nova Era.

Aqui, são apenas algumas das experimentações que tem me ajudado na construção de um projeto de pesquisa para um pós-doc, ainda em fase embrionária. A proposta agora é expandir a pesquisa para além das festas virtuais.

E segue o baile!

### Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi (2015). **Sejam Todos Feministas**. Tradução Christina Baum. 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras.
- BEAUVOIR, Simone de (2009). **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2v.
- CASTRO, Mary Garcia (2000). “Marxismo, feminismos e feminismo marxista – mais que um gênero em tempos neoliberais”. **Crítica Marxista (Dossiê Marxismo e Feminismo)**. n. 11, São Paulo, p. 98-108.
- COSTA, Cristiane (2018). “Rede”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2. ed. – São Paulo: Companhia das Letras.
- COSTA, Suely Gomes (2009). “Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos. Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX”. **Revista INTERthesis**. Florianópolis. vol. 6, nº 2. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n2p1>> Acesso em 07 dez. 2020.
- DAVIS, Angela (2016). **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo.
- DESPENTES, Virginie (2016). **Teoria King Kong**. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições.
- FEDERICI, Silvia (2017). **Calibã e a Bruxa**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante.
- GAY, Roxane (2016). **Má Feminista: ensaios provocativos de uma ativista desastrosa**. São Paulo: Novo Século.

- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (2018). **Explosão Feminista**: arte, cultura, política e universidade. 2. ed. – São Paulo: Companhia das Letras.
- HOOKS, Bell (2020). **O Feminismo é Para Todo Mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libanio. – 13. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- JESUS, Jaqueline Gomes de (org.) (2014). **Transfeminismo**: teorias & práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia.
- KUHNERT, Duda. “Nas artes”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**: arte, cultura, política e universidade. 2. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LIMA, Cláudia de Castro (2008). **Linha do Tempo**: uma viagem pela história da humanidade. 1. ed. – São Paulo: Panda Books.
- NASCIMENTO, Maria Cristina do (2014). “Artivismo Feminista: Loucas de Pedra Lilás na luta antirracista”. **18 REDOR. Perspectivas Feministas de Gênero**: desafios no campo da militância e das práticas. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- PRECIADO, Paul B. (2020). **Um Apartamento em Urano**: crônicas de travessia. Tradução Eliana Aguiar. 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- RAGO, Margareth (2003). “Os feminismos no Brasil: dos ‘anos de chumbo’ à era global”. **Labrys, Revista de Estudos Feministas**. Brasília. n. 3, jan./jul. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/marga1.htm>> Acesso em 07 dez. 2020.
- RIBEIRO, Djamila (2018). **Quem tem Medo do Feminismo Negro?**. São Paulo: Companhia das Letras.
- SOIHET, Rachel (2006). “Feminismo ou feminismos? Uma questão no Rio de Janeiro nos anos 1970/1980”. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. (Simpósio Temático: Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX). Florianópolis.
- TELES, Maria Amélia de Almeida (2017). **Breve História do Feminismo no Brasil e Outros Ensaios**. São Paulo: Editora Alameda.
- VIEIRA, Helena; BAGAGLI, Bia (2018). “Transfeminismo”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**: arte, cultura, política e universidade. 2. ed. – São Paulo: Companhia das Letras.
- WOLF, Virgínia (2014). **Um Teto Todo Seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. – São Paulo: Tordezilhas.